



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da exposição “Paracas – Tesouros Inéditos do Peru Antigo” e outorga da Ordem do Mérito Industrial**

**São Paulo-SP, 18 de setembro de 2008**

Meu caro companheiro e amigo Alan García, presidente da República do Peru,

Minha companheira Marisa,

Senhoras e senhores ministros do Peru,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em nome de quem cumprimento todos os demais ministros e ministras brasileiros presentes,

Senhores parlamentares federais,

Senhor Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Senhores presidentes dos governos regionais peruanos,

Senhoras e senhores membros do corpo diplomático,

Senhoras e senhores integrantes das delegações brasileiras e peruanas,

Meus amigos e minhas amigas,

Prometo, Alan, que falarei muito pouco porque esta deve ser uma noite de homenagem ao Peru. Já vimos duas belas exposições e penso que é muito importante que os empresários brasileiros te ouçam. Mas eu não poderia deixar de falar um pouco para os empresários peruanos que estão aqui. Não vou ler o meu discurso, apenas direi poucas palavras.

Penso que, finalmente, a América do Sul começou a se descobrir. Fico imaginando quanto tempo perdemos achando que todas as soluções para os nossos problemas estavam do outro lado do Atlântico. Fico imaginando quanto tempo perdemos e por isso, ainda hoje, não somos um continente mais



desenvolvido, mais justo e mais solidário. Na verdade, ficamos de costas uns para os outros muito tempo. Nos últimos anos, desde a criação do Mercosul, começamos uma virada muito acanhada, muito tímida, nessas relações entre os países da América do Sul. Havia muita gente que não acreditava, havia muitos artigos dizendo que era quase inútil dar preferência às relações com os países da América do Sul. Afinal de contas, até na própria casa da gente, no cotidiano da nossa vida, tem muita gente que não gosta de ter relação com os parentes pobres. É melhor ter relações apenas com os parentes mais ricos.

Mas chegou um momento em que descobrimos que, apesar de quisermos ter relações extraordinárias com nossos irmãos mais ricos, seria importante que descobríssemos as similaridades entre nós, as oportunidades entre nós, as chances que nós mesmos poderíamos oferecer uns aos outros. E descobrimos na hora certa. Descobrimos que o Brasil tem, através do Peru, uma dezena ou centena de oportunidades para que os empresários brasileiros façam investimentos no Peru, para que os empresários brasileiros construam parcerias com os empresários peruanos, para que empresários peruanos façam parcerias e investimentos com empresários brasileiros no Brasil, para que possamos explorar todo o potencial na área de energia, para que possamos explorar todo o potencial da navegação nos mais extraordinários rios que ligam os dois países, para que a gente possa experimentar a grandiosidade da cultura peruana, para que a gente possa experimentar a extraordinária culinária peruana e para que o Peru possa experimentar aquilo que o Brasil tem de melhor.

Já avançamos muito, mas temos condições de avançar muito mais. Hoje, temos uma relação com a América do Sul acima da relação que temos com outros países importantes como os Estados Unidos, se somar toda a América do Sul. Por que isso é importante? Se bem que o Peru quer dobrar a sua exportação para os Estados Unidos, e o Brasil quer dobrar a sua para os Estados Unidos. Mas enquanto não conseguimos dobrar as nossas



exportações, estamos aprendendo que quando descobrimos os nichos de oportunidades existentes nos nossos países e começamos a fazer negócio e a explorar aquilo que temos a oferecer uns aos outros, ficamos mais independentes, diversificamos mais as nossas relações políticas, econômicas e comerciais.

O presidente Alan sabe que sou um defensor quase que fanático da integração da América do Sul. Durante muitas décadas, a integração foi um discurso eminentemente ideológico, um discurso em que não havia gestos práticos que dessem seqüência àquelas vontades expressadas. A integração, muito mais do que um discurso, significa rodovias, pontes, linhas de transmissão, produção energética, ferrovias, aumento de comércio e incremento das atividades culturais, coisas que não estávamos muito habituados a fazer.

Hoje, estou convencido de que depois da visita que os empresários brasileiros fizeram ao Peru no ano passado, depois da visita que os empresários peruanos fizeram ao Brasil no dia de hoje, depois das conversas que os nossos ministros estão tendo, seja no Peru ou seja no Brasil, poderemos dobrar o fluxo da balança comercial muito mais rapidamente. E dobrar o fluxo da balança comercial fazendo com que os brasileiros compreendam que a boa e correta ação comercial é transformá-la em uma via de duas mãos, em que a gente possa comprar e vender para que haja um equilíbrio na balança comercial e todos os países se sintam ganhadores. Quando só um se sente ganhador, começamos a ter problemas políticos.

E o potencial do Peru? Com a criação e a construção da Interoceânica, podendo fazer com que o Brasil tenha acesso ao primeiro porto de grande calado para ter acesso ao Pacífico, para que o Brasil possa desenvolver toda aquela região do Peru e desenvolver toda a região do Brasil. Isso só será possível na hora em que criarmos canais, agências e bancos de fomento que possam ajudar a financiar esses projetos. Muitas vezes, temos muita vontade,



mas não temos dinheiro. Muitas vezes, temos muita vontade, temos dinheiro e não temos projetos. Agora, temos projeto, temos dinheiro e temos vontade política. Certamente, não temos a quantidade de dinheiro que gostaríamos de ter, Peru e Brasil, para fazer os investimentos que necessitamos, mas certamente estamos fazendo em pouco tempo o que não foi feito durante quase todo um século entre os dois países.

Penso que a integração do continente Latino-Americano passa por construirmos, primeiro, uma definição clara de que somente com muita democracia, com muita paz e com muito desenvolvimento, vamos construir um mundo justo com o qual todos nós passamos a vida inteira sonhando; passa pelo fato de compreendermos a autodeterminação dos povos – cada país é dono do seu destino e nenhum país pode querer ter ingerência no destino do outro – passa pelo fato de construirmos, como fizemos agora no Chile – no caso da Bolívia – definições de consenso, onde ninguém ganha e ninguém perde, todos ganham ao mesmo tempo ao construir decisões que são consensuadas entre nós e que permitem que a gente continue acreditando que a integração do Continente, com a criação de um Parlamento – que um dia haverá de acontecer para toda a América do Sul – possa permitir que a gente discuta política com a tranquilidade que outros países e outros continentes já discutem.

Meu caro amigo Alan García, eu sou um otimista inveterado. Já viajei pelos países da América do Sul mais do que muitos presidentes viajaram em meio século no Brasil. Viajo porque acredito que o potencial de possibilidades para os nossos empresários é muito maior do que eles possam imaginar.

O Paulo Skaf se lembra que quando fui a Angola pela primeira vez fiz, não uma crítica, mas disse que era importante que os empresários brasileiros não tivessem medo de virar empresas multinacionais, não tivessem medo de crescer. E isso foi publicado aqui, no Brasil, como se eu estivesse fazendo uma crítica aos empresários brasileiros. Na verdade, era mais nobre do que uma



crítica, era uma provocação. Era uma provocação para as pessoas não terem medo de crescer, não terem medo de prospectar novas oportunidades, para a gente sair daquela mesmice de ficar esperando que houvesse uma crise para reclamar do governo, ou de que houvesse dinheiro em abundância para que a gente fizesse os mesmos erros do passado, onde praticamente as pessoas dependiam do governo para muita coisa.

O Brasil mudou. Os empresários brasileiros mudaram, os trabalhadores mudaram. Penso que a política precisa mudar, e mudar para muito melhor. Acho que conseguimos encontrar o nosso denominador comum. O Brasil, hoje, está contribuindo para mudarmos a geografia comercial do mundo.

É verdade que ainda não conseguimos fazer o acordo que tanto sonhávamos na Rodada de Doha. Mas é verdade também que nunca estivemos tão perto de fazer o acordo, que ainda pode sair. É verdade também que os países mais pobres nunca tiveram a respeitabilidade que tiveram nas negociações acontecidas até agora.

Isso só acontece porque resolvemos dizer ao mundo que existimos. Isso só acontece porque empresários brasileiros estão construindo parcerias em todas as partes do mundo. Eu já fico até preocupado com a quantidade de empresas brasileiras em cada país da América do Sul, em cada país da América Latina, em cada país da África, e não só em países europeus, mas no Canadá, nos Estados Unidos. Nós ganhamos uma dimensão nova em que o Brasil não quer mais ser coadjuvante nesse cenário das políticas econômicas e desenvolvimento no mundo. Queremos ser artista principal, como o Peru quer ser artista principal.

O que estamos vendo aqui, hoje, é a construção de um cenário, de um cenário que não pára, porque já fizemos reuniões com empresários, e com outros presidentes também. Acabamos de fazer uma grande reunião com a Argentina, fizemos uma belíssima reunião na Colômbia. Pretendemos continuar viajando o Continente e fazendo reuniões com empresários brasileiros, levando



os empresários brasileiros, discutindo com os empresários dos outros países, para que a gente possa equilibrar o nosso comércio com o restante do mundo e abrir novas perspectivas de desenvolvimento e de parceria entre as nossas empresas.

Meu caro presidente Alan García, meu caro Paulo Skaf. Acabei de convidar o Paulo Skaf para chefiar a delegação de empresários brasileiros para ir à Itália em outubro deste ano. Outros empresários, como o presidente da Federação do Rio Grande do Sul, vão junto conosco a Moçambique. Vou entregar um “caminhão-cozinha” lá em Moçambique. Não tem sentido um presidente da República viajar e não aproveitar a oportunidade de levar grupos de empresários para negociarem com empresários dos países que o presidente está visitando.

Não sei quantas vezes um presidente da República marcou uma reunião com outro governo na sede da Fiesp. Não vou falar “nunca antes na história do Brasil”. Vou deixar vocês descobrirem, porque é exatamente isso que transforma a vontade política numa força motora, numa coisa que anda para a frente, numa coisa que consegue gerar desenvolvimento. Quando falamos em justiça social, em solidariedade, temos consciência de que tudo isso só pode ser alcançado se as economias dos países estiverem crescendo, se a renda do trabalhador estiver aumentando, se a venda no varejo estiver crescendo, se a venda no atacado estiver crescendo, se o povo estiver entrando no supermercado e comprando mais alimentos, roupas, calçados, aparelhos eletrodomésticos. É isso que conta, definitivamente, no crescimento econômico de um país e na possibilidade de os governantes fazerem a justiça social que tanto preconizamos nas nossas campanhas políticas.

Quero terminar dizendo a você, meu caro Alan García – já tinha dito isso em Lima e vou repetir aqui – eu acho que a história da relação política, comercial e econômica entre Peru e Brasil será contada antes das nossas visitas e depois das nossas visitas, porque acho que aprendemos a nos



enxergar, nos descobrimos e percebemos que entre nós temos oportunidades extraordinárias que em outros lugares a gente não teria.

Quando vocês descobriram essa riqueza arqueológica extraordinária, de 100 anos antes de Cristo, fica provado que aqui neste Continente houve momentos em que gente da mais alta inteligência já era capaz de fazer coisas que hoje nós, quem sabe, não saberíamos fazer, a não ser se usássemos o computador.

Se fomos capazes de fazer aquilo antes de Cristo, se eu fui inaugurar hoje a P-53 lá em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e não tinha dimensão, sobrevoando de helicóptero, do que é uma plataforma para fazer prospecção de 180 mil barris/dia... é maior do que todos os navios em que você já andou, Benjamin, muito maior, com muito mais ferro e, certamente, sem nenhum conforto.

Se somos capazes de produzir uma coisa rica como esta exposição do Peru, se somos capazes de produzir avião, se somos capazes de produzir uma plataforma que até cinco anos atrás diziam que não tínhamos condições, do que não seremos capazes, Alan, se a gente acreditar e permitir que o nosso povo acredite na nossa integração?

Quero te agradecer, companheiro, de coração, porque esta sua visita foi um desafio que eu fiz, um apelo a você, um desafio ao amigo Paulo Skaf. Está provado que a nossa querida Fiesp não se reúne apenas para analisar as reuniões do Copom, mas que se reúne para discutir o futuro deste país e o futuro da integração.

Muito obrigado e felicidades, Alan.

(\$211A)